

O DUALISMO E A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM RENÉ DESCARTES

Sidnei Ferreira de Vares*
José Renato Polli**

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a concepção cartesiana de homem, abordando os principais aspectos da teoria de René Descartes, principalmente a questão do dualismo corpo e alma. Desejamos suscitar uma discussão em torno do homem cartesiano, visto como “coisa pensante” ao mesmo tempo em que partilha de uma dimensão corpórea e concreta (*res extensa*). Com efeito, não pretendemos superar as aporias deixadas pela teoria cartesiana, fato do qual os pósteros têm-se imbuído com enorme avidez, mas apenas discutir tais posicionamentos. Não temos a pretensão de abarcar todos os aspectos no pensamento cartesiano, mas buscaremos desenvolver uma análise sintética de seu pensamento, para num segundo momento discutirmos a questão do dualismo corpo e alma e sua concepção de homem.

Palavras-chave: racionalismo, dualismo, dúvida metódica.

ABSTRACT

This article aims to analyse the René Descartes' conception of man, approaching the main aspects of his theory, especially the question of dualism – body and soul. We intend to suscite a discussion about this man, seen as a “thing that thinks”, sharing simultaneously a concrete, bodily dimension (*res extensa*). In fact, we don't intend to surpass the doubts left by the Descartes' theory, an objective exhaustively pursued by the thinkers that come after him, but only to discuss these positions. We don't have the intention of comprising all the aspects of Descartes' thoughts, but we will try to develop a synthetic analysis of it, in order to discuss his conception of man and dualism.

Key words: rationalism; dualism; methodical doubt.

A VIDA DE DESCARTES

Nascido em La Heye, província francesa de Turena, em março de 1596, René Descartes vem de uma família abastada. Ainda muito cedo perdeu a mãe e foi criado pelos avós. Ao completar 10 anos, o pai o enviou para o famoso Colégio Nacional de La Flèche, onde passou a freqüentar um ambiente de disciplina rígida

* Licenciado em História e Pedagogia, graduando em Filosofia e Pós-graduado em Psicopedagogia. Professor do Centro Universitário Assunção.

** Licenciado em Filosofia e Pedagogia, Mestre em História Social (PUC-SP), doutorando em Educação (FEUSP). Professor do Centro Universitário Padre Anchieta.

e de conteúdo humanístico, resultado da educação preconizada pelos jesuítas.

Contudo, esse programa humanístico pouco lhe interessou, pois era na matemática e na geometria que Descartes se comprazia.

Foi na empreitada militar que nosso filósofo conheceu um jovem médico chamado Beckman, que era fascinado pela matemática e com o qual trocou alguns conhecimentos que influenciaram a aversão de Descartes aos estudos humanísticos, principalmente pela ausência de objetividade e certeza.

Foi numa viagem que Descartes teve a intuição, através de três sonhos consecutivos, de que caberia a ele reformar a filosofia. O sonho do filósofo marchou para a concretização quando ele abandonou a vida militar para dedicar-se exclusivamente aos estudos filosóficos.

A partir daí, estabeleceu-se na Holanda e iniciou sua jornada. Escreveu algumas obras que ganharam projeção, seja pela originalidade ou pelas controvérsias e oposições que desencadearam. O fato é que Descartes lançava uma nova forma de filosofia, que colocava em xeque todo o legado ontológico da filosofia medieval. Seu sistema filosófico de antemão procurou ser uma reflexão epistemológica, debruçando-se sobre a capacidade da razão de conhecer. Propôs-se o papel de reconstruir a filosofia sobre bases estritamente racionais, pois, como as humanidades já lhe tinham indicado, os sentidos eram imprecisos e pouco confiáveis.

O verdadeiro conhecimento só poderia advir da razão. Contudo, nem mesmo a razão escapou à análise cartesiana, haja vista que era necessário averiguar sua capacidade. Inaugurou a dúvida metódica e a aplicou a tudo, inclusive à capacidade da razão.

OS ESTUDOS HUMANÍSTICOS EM LA FLÈCHE

Para compreendermos o pensamento cartesiano é importante analisar que tipo de educação Descartes recebeu, pois contra parte do sistema de ensino de então ele se insurgiu.

Para entendermos qual o impacto da educação humanista no pensamento cartesiano, devemos antes analisar o contexto educacional da época. O século XVI foi marcado por uma grande cisão na religião cristã. As 95 teses de Lutero, publicadas em 1517, não só cindiram a igreja cristã, como forçaram uma posição mais dura por parte dos católicos diante do avanço das idéias protestantes. Um dos “campos de batalha”, onde se travou o embate entre católicos e protestantes, foi a educação.

Os jesuítas, pelo lado católico, tiveram grande atuação. A ordem dos Jesuítas foi fundada em 1534 pelo soldado espanhol Inácio de Loyola (1491–1556), sendo reconhecida pelo Papa em 1540 e ganhando em poucas décadas uma projeção sem igual.

Pelo seu caráter militar, imprimia um espírito de cruzada às suas ações. Como

afirma o historiador Frederich Eby em sua *História da Educação Moderna*, o propósito da companhia era o de "... agir com um corpo militante de homens absolutamente dedicados a destruir a heresia por todos os meios e a converter o mundo pagão à fé católica" (1998: 93). Como seu patrono, a Companhia de Jesus tinha caráter prático e ativo.

Uma das frentes na qual a Companhia de Jesus operou, muito embora esta não fosse a prioridade, foi justamente a educação. Não tardou para que os colégios jesuítas marcassem presença em toda a Europa. Os jesuítas perceberam rapidamente que a educação poderia ser um campo estratégico para cessar o avanço protestante, posto que esta é um dos principais elementos para a constituição de uma sociedade. Criaram colégios para atender o ensino secundário e superior. Ao ensino básico dedicaram pouca atenção. Porém, algumas décadas depois da criação dos primeiros colégios, os jesuítas avançaram em número e poder, rivalizando com os colégios e universidades protestantes. Por volta de 1615, quando Descartes estava com aproximadamente 19 anos, os jesuítas dirigiam 572 colégios, e em 1705 o número tinha crescido para 769. Alguns desses colégios eram bem grandes, registrando só na província de Paris 13 000 estudantes.

A FUNDAÇÃO DE LA FLÈCHE

O colégio de La Flèche foi fundado em 1604, quando Descartes estava com 8 anos. A escola estava sob a proteção de Henrique IV, rei da França, que doou aos jesuítas um palácio e amplos recursos para a Ordem. Numa França pacificada depois de tantas lutas políticas e religiosas, o colégio de La Flèche em pouco tempo tornou-se um dos mais famosos, recebendo o coração de Henrique IV após sua morte em 1610. Descartes, após ter perdido a mãe e ter passado a infância sob a tutela dos avós paternos, foi mandado pelo pai, em 1606, ao colégio La Flèche, onde permaneceria até 1614. Seguindo a tradição jesuítica, La Flèche só aceitava alunos após completarem 10 anos de idade e somente meninos.

O sistema de ensino de La Flèche não diferia dos demais colégios jesuítas. Apesar de algumas mudanças educacionais ocorridas na França, principalmente através de Rabelais e Montaigne, o programa de ensino católico permanecia o mesmo do final da idade média e início da idade moderna. De regime extremamente rígido e controlado, La Flèche seguia um programa humanista de ensino, dividido em dois tipos: a) o inferior, que durava 5 ou 6 anos; e b) o superior, já em nível universitário. O colégio inferior, pelo qual passou Descartes, era dividido em três classes de gramática e uma quarta de retórica. O estudo do grego, latim, gramática e matemática fazia parte do currículo do colégio. A língua vernácula cedia lugar às línguas clássicas e a ausência das ciências físico-naturais também foi comum. Como afirma o historiador argentino Lorenzo Luzuriaga (1984), o método de ensino consistia em "... lição ou preleção, explicação, repetição, composição, etc., méto-

dos predominantemente verbais e, em grande parte, memoristas e formalistas. Dava-se especial importância à elocução e à redação, assim como à leitura dos clássicos”.

Tem-se notícia de que Cícero era o autor mais lido entre os clássicos, e a repetição à exaustão era um método utilizado pelo colégio. A educação oferecida por La Flèche, embora de excelente qualidade, tinha caráter extremamente espiritual e religioso, além de um grande teor de civismo e fidelidade à monarquia francesa. A emulação entre as turmas de alunos, assim como entre colégios, foi característica marcante deste período, motivando-os a pequenas disputas intelectuais. A disciplina era rígida. Os jovens eram isolados e nada que fosse exterior ao colégio deveria tirar-lhes a atenção. A repetição das lições era feita constantemente e aqueles que se saíssem bem eram devidamente premiados.

A falta de praticidade dos ensinamentos fez Descartes declarar mais tarde no seu *Discurso do Método*: “*Eu estava num dos mais célebres colégios da Europa, onde pensava que deveriam existir homens sábios, se eles existissem em algum lugar da terra. (...) Alimentei-me de letras desde minha infância, e, devido ao fato de me terem persuadido de que por meio delas podia-se adquirir um conhecimento claro e seguro sobre tudo o que é útil à vida, tinha extremo desejo de aprendê-las. Porém, assim que terminei todo esse curso de estudos, ao fim do qual costumava-se ser recebido na fileira dos doutores, mudei inteiramente minha opinião*”.

Esta situação nos remete a pensar o atual modelo de escola, se ainda não se baseia em muito neste perfil de racionalidade que prima pelo conhecimento por si só, de maneira repetitiva e “pouco racional”.

Apesar da frustração de Descartes, este ainda chegou a recomendar com certa insistência La Flèche a um amigo, quando lhe foi perguntado sobre onde deveria encaminhar o filho para seus estudos.

AS INFLUÊNCIAS CARTESIANAS

Todo o legado filosófico deixado pelo autor de *O discurso sobre o método* teve amparo nas mais distintas correntes de pensamento. Iremos aqui ressaltar algumas das influências incorporadas pelo pensamento cartesiano que ao nosso ver foram importantes e, talvez, sem as quais seria impossível Descartes construir seu edifício filosófico.

Entre as mais apreciáveis, podemos facilmente detectar a influência do pensamento platônico.

Muito embora Descartes, num primeiro momento, faça inúmeras críticas ao ontologismo medieval, principalmente ao pensamento aristotélico, resguarda alguns aspectos da filosofia platônica. Podemos certificar tal afirmação no fato de Descartes manter o dualismo entre corpo e alma. Contudo, não podemos comparar por completo os dois modelos dualistas. Ambos possuem diferenças substanciais, mas a aproximação entre eles é inegável. Descartes vê a alma como substância

independente do corpo e nesse aspecto se aproxima de Platão.

Outra influência sobre o pensamento cartesiano é a do conceito da dúvida. A dúvida, adotada como método, traz alguma influência do ceticismo ético de Montaigne. Embora o ceticismo apregoe a suspensão de todo e qualquer juízo, o ceticismo de Montaigne não pode ser visto como um ceticismo radical ou lógico.

Esse tipo de ceticismo está mais ligado ao pensamento pirrônico ou então ao ceticismo acadêmico de Arcesilau e Carnéades. Definitivamente esta não era a idéia de Montaigne. Tal ceticismo, que contagia grande parte do mundo moderno, é absorvido por Descartes. Entretanto, não podemos afirmar que ele o adotou integralmente. A dúvida metódica cartesiana não pressupõe em nenhum momento a suspensão de todo o juízo. Descartes adota a dúvida como primeiro passo para com a mesma dúvida refutar o ceticismo.

Essas seriam as duas maiores influências filosóficas sobre Descartes. Contudo, temos que frisar que nosso pensador recebe influências igualmente das ciências matemáticas e geométricas, sem as quais não poderia ter erigido seu edifício teórico.

As influências das ciências racionais sobre o pensamento cartesiano são responsáveis por inúmeras críticas posteriores que recebe de alguns pensadores. Pascal o acusou de supervalorizar a razão, desconsiderando outras dimensões do humano. A filosofia cartesiana abriu as portas para o método científico que iria perdurar por toda a modernidade e alcançar seu ápice no cientificismo do século XIX.

O PAI DA FILOSOFIA MODERNA

Descartes é, indubitavelmente, um dos maiores filósofos da modernidade. Sua originalidade, assim como suas idéias, lhe valeu o aclamado título de “pai da modernidade”, pois deixou-nos um legado teórico que influenciou toda a filosofia posterior, num amálgama de soluções e problemas que até o século XIX marcaram toda a discussão filosófica.

É certo que Descartes não conseguiu dar cabo de todos os problemas que levantou. E nesse ponto, as críticas à sua filosofia não tardaram a acontecer. Pascal, Vico e Hobbes podem ser incluídos entre aqueles que viram nas idéias cartesianas aporias difíceis de serem resolvidas. Até mesmo Malebranche, discípulo de Descartes, não acolheu por completo as idéias do mestre, afastando-se deste em alguns pontos.

DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO

Sobre a filosofia cartesiana, podemos afirmar que o filósofo francês se imbuíu de um espírito original e ao mesmo tempo salvacionista. Original, pois rompe em

grande parte com a tradição do pensamento medieval. Salvacionista, pois se atribui o papel de “salvar” o pensamento moderno, assim como a tradição cristã-medieval que de início renega, buscando solucionar os problemas em torno do homem, de Deus e do próprio mundo.

Para tanto, o pensamento cartesiano passa por dois movimentos facilmente detectáveis. O primeiro chamaremos de “desconstrução”, no qual o filósofo busca, em parte influenciado pelo ceticismo que marcara o início da modernidade, desconstruir todo o edifício filosófico anterior, pois aquilo que é construído por um único arquiteto apresentar-se-á de maneira mais perfeita do que aquele edifício reformado ou construído por vários arquitetos.

Contudo, esse movimento de desconstrução não é um movimento cético por excelência. O ceticismo cartesiano não é como o ceticismo ético de Montaigne ou o radical, como o ceticismo pirrônico, suspendendo todo e qualquer juízo. Trata-se de um ceticismo inicial, baseado na dúvida metódica, mas que será posteriormente abandonado quando encontrada a primeira certeza.

O movimento desconstrutor de Descartes põe em dúvida o conhecimento baseado na experiência, se estendendo num segundo momento ao pensamento, pois afinal não há nada que nos possa certificar de que o mundo real não seja um sonho ou que não estejamos sendo enganados por um tipo de gênio maligno.

Se tudo o que sentimos e pensamos pode ser resultado de uma grande ilusão, Descartes, baseado no método matemático, busca a partir da dedução encontrar uma primeira verdade, irrefutável e certa, a partir da qual irá passar para a segunda etapa de sua filosofia, que chamaremos de “movimento de construção”. Enquanto averiguava que tudo poderia ser uma ilusão, encontrou pressupostos de uma primeira e certa afirmação. A partir do método da dúvida, era necessário que o eu que pensava fosse alguma coisa, afinal: se duvido, penso.

A partir dessa primeira constatação, utilizando o método dedutivo (matemático por excelência), desemboca numa primeira certeza: “Penso, logo existo”.

Estava lançado o pilar, original e inovador, sobre o qual o nosso filósofo construiria sua filosofia.

Passamos agora ao segundo movimento do pensamento cartesiano, ao qual chamamos de “construção”. Nessa segunda etapa do pensamento cartesiano, muitos dos pressupostos ontológicos do pensamento cristão-medieval, que abandonara na fase precedente, serão novamente reacendidos e, de certa forma, resguardados.

Descartes procura solucionar os problemas referentes a Deus e ao mundo. Vimos que Descartes chega a uma primeira certeza, o *cógitio*, que certifica a existência de uma essência humana. Porque duvido, penso, e se penso só posso fazê-lo existindo. Mesmo repetindo a dúvida, ou seja, mesmo duvidando da dúvida só o faço pensando, e portanto certifico ainda mais minha existência.

Descartes sabe que essa essência humana não é de todo perfeita. A idéia de perfeição, que está em nós de maneira inata, como a marca do artista em sua obra,

só suscita a busca por um ser verdadeiramente perfeito, que em última instância reafirmaria não só nossa existência, mas também a existência do mundo. E é porque é perfeito que o mundo (*res extensa*) e o Eu (*res cogitans*) existem. Ora, esse Ser perfeito só pode ser um: Deus. Com efeito, o Deus cartesiano não deve ser tomado como um Deus religioso. O Deus cartesiano é o Deus dos filósofos, ou seja, a razão.

Descartes certifica a existência do mundo (extensão) e supera a inicial dúvida da ilusão protagonizada pela figura de um gênio maligno e enganador. A perfeição de Deus não pode acometer a enganação ou ilusão, caso contrário Deus não seria perfeito.

O mundo corpóreo é reduzido por nosso filósofo à extensão e ao movimento, não necessitando de outros atributos para existir. A diversidade das coisas deriva, em última análise, da combinação e variação da extensão e do movimento (autômato).

Com efeito, Descartes chega à conclusão de que existimos enquanto “coisa pensante” e que o mundo (extensão) é como sentimos, pois ambos estão alicerçados pela perfeição de Deus. Assim, é Deus quem garante a existência do mundo, assim como garante que ele é tal como nos aparece.

O DUALISMO CARTESIANO E A CONCEPÇÃO DE HOMEM

Duas obras são fundamentais para se entender o dualismo cartesiano. A primeira é *O Discurso do Método*, na qual principalmente nas últimas partes o autor ressalta a concepção de substância e corpo. A segunda é a obra intitulada *Meditações*.

Descartes concebe o homem como um ser dual, ou seja, um ser cuja substância é o *cógito*. Para Descartes, o *cógito* (*res cogitans*) é uma substância fechada, completa, independente, e portanto diferente do corpo. A alma, que aqui não deve ser entendida no sentido religioso do termo, independe do corpo para existir, afinal, posso até fingir que não tenho corpo, mas não posso tentar abdicar de pensar. Neste sentido, a substância alma é aquilo que faz com que eu exista.

O pensamento independe do corpo, e mesmo que este esteja à deriva da morte, aquele perduraria. Descartes praticamente se apóia em alguns aspectos da teoria platônica e proclama a imortalidade da alma.

Entretanto, diferentemente de Platão, não defende a existência de um mundo de idéias, ao qual a alma retorna com a destruição corpórea. Alma e corpo só estariam ligados graças a uma glândula (a glândula pineal), manifestando-se através daquilo que intitulou de “espíritos de animais”, que são como “ventos sutilíssimos”.

O corpo não passa de um autômato, isto é, uma máquina, que assim como o corpo dos animais é regido por lei naturais de funcionamento. Neste ponto, Descartes parece se posicionar contrariamente à divisão da alma preconizada por

Aristóteles, afirmando que a alma é um atributo apenas humano.

Se o corpo é uma máquina, tanto esta quanto a natureza poderiam ser entendidas a partir do desvelamento das leis naturais. Nota-se a influência do pensamento matemático em Descartes, que reduz o mundo (*res extensa*) a fórmulas que podem ser descobertas e entendidas.

Descartes prima por um pensamento abstrato, relegando a segundo plano o mundo concreto. Mesmo não desconsiderando a metafísica, afinal sobre esta repousaria a existência do mundo natural, Descartes lança as sementes do materialismo que alcançou seu ápice nos séculos XVIII e XIX.

O problema de Deus também deixou suas ressonâncias. O aprofundamento de alguns aspectos da filosofia cartesiana levaria Espinosa ao panteísmo.

Sobre o racionalismo, seu desenvolvimento posterior levou Hegel ao idealismo, ignorando quase que por completo o mundo real. Na verdade, as problemáticas levantadas pelo pensamento cartesiano influenciaram toda a filosofia moderna, fazendo-se sentir pelo menos até o início século XX.

A RACIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Levando em conta a grande importância do racionalismo cartesiano para a instituição da ciência moderna, há que se destacar a crítica que os filósofos da escola de Frankfurt fizeram, já nas primeiras décadas do século XX, ao modelo de racionalidade que se erigiu na modernidade, a partir do pensamento racionalista cartesiano. Chamaram de “razão instrumental” o uso desmedido da razão para fins de dominação e controle.

Habermas tem se destacado por tentar reconstruir as origens da racionalidade moderna, propondo uma epistemologia que visa resgatar a razão das amarras da instrumentalização capitalista.

Entre os efeitos mais notados a partir desta exacerbação do uso da razão em moldes instrumentais é o sufocamento da subjetividade, que Habermas propõe como base para a construção de um diálogo intersubjetivo, caminho possível para a superação dos falsos usos da razão e dos ceticismos promovidos pelos filósofos da chamada “pós-modernidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, René. *O discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EBY, Frederich. *História da Educação Moderna*. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fon-

tes, 2000.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAPPIASÚ, Hilton. O racionalismo cartesiano. In: REZENDE, Antônio. (Org.). *Curso de Filosofia*. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. Traduzido por Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

MONDIM, Batista. *Curso de Filosofia*. v. 2. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1981.

PESSANHA, José Américo Motta. *Descartes: Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. v. 3. São Paulo: Editora Nacional, 1967.